



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Prazer e gozo nas toxicomanias¹

Rita de Cássia dos Santos Canabarro

Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (Rio Grande do Sul, Brasil)
Psicóloga pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (Rio Grande do Sul, Brasil)
E-mail: canabarro.rita@gmail.com

Marta Regina de Leão D'Agord

Doutora em Psicologia
Professora PPG Psicanálise: Clínica e Cultura (Instituto de Psicologia - UFRGS)
E-mail: marta.dagord@ufrgs.br

Resumo: Este artigo analisa as implicações que as toxicomanias acarretam em termos de prazer e de gozo no campo da relação sujeito barrado (\$) e Outro (A). Através da análise de material proveniente da escuta clínica em um Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Outras Drogas (CAPS-ad) e da leitura da obra *Almoço Nu*, de William Burroughs, pôde-se verificar que as toxicomanias representam uma tentativa de garantir um gozo que não requeira a passagem pelo Outro. Nessa tentativa, constata-se a dificuldade do toxicômano para lidar com a castração e ao gozo possível a partir dela, qual seja, o gozo fálico. Tais considerações permitem postular as toxicomanias como um novo invólucro formal do sintoma.

Palavras-chave: toxicomanias; psicanálise; gozo; prazer.

Pleasure and *Jouissance* in addictions

This article analyzes the implications in terms of pleasure and *jouissance* in the relationship between the barred subject (\$) and the Other (A). Through the analysis of the material produced by the clinical listening at a Psychosocial Care Center for Alcohol and Other Drugs (CAPS-ad) and the book *Naked Lunch* by William Burroughs, it was found that addictions are an attempt to secure *jouissance* without passing through the Other. In this attempt, addicts find it difficult to deal with castration and the resulting potential *jouissance* that arises from reaching it, namely phallic *jouissance*. These considerations allow us to postulate addictions as a new formal coverage of the symptom.

Keywords: addictions; psychoanalysis; *jouissance*; pleasure.

Plaisir et *jouissance* dans les toxicomanies

Cet article examine les implications des toxicomanies sur le plaisir et de *jouissance* dans le champ du rapport sujet barré (\$) et Autre (A). L'analyse de matériel provenant de l'écoute clinique dans un Centre de Soins psychosociaux – Alcool et autres drogues (CAPS-ad) et la lecture du *Déjeuner nu*, de William Burroughs, révèlent que les toxicomanies représentent une tentative d'assurer une *jouissance* qui n'exige pas de passer par l'Autre dans laquelle l'on constate combien il est difficile au toxicomane de faire face à la castration et à la *jouissance* possible à partir de celle-ci, à savoir, la *jouissance* phallique. Ces considérations permettent de postuler les toxicomanies comme une nouvelle enveloppe formelle du symptôme.

Mots-clés: toxicomanies; psychanalyse; *jouissance*; plaisir.

Prazer e gozo nas toxicomanias

Rita de Cássia dos Santos Canabarro & Marta Regina de Leão D'Agord

Introdução

Os discursos, tal como formulados por Lacan, referem-se a modos distintos do sujeito posicionar-se diante do fracasso do princípio de prazer. A estrutura do discurso tem como efeito a distribuição do gozo e, na medida em que implica o sujeito, o discurso detém os meios de gozar (Lacan, 1968-1969/2008). Neste trabalho, abordamos as implicações que as toxicomanias acarretam em termos de prazer e de gozo no campo da relação entre sujeito barrado (\$) e Outro (A).

Nosso estudo foi efetuado através do método da pesquisa psicanalítica e o texto que se segue é resultado dos ensaios que foram construídos a partir de material proveniente da escuta clínica de uma das pesquisadoras junto a grupos terapêuticos de um Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Outras Drogas (CAPS-ad). Além dos dados de campo, também serviu como material de análise a obra *Almoço Nu*, de autoria de William Burroughs.

O prazer é uma barreira ao gozo

Por mais de uma vez, ao longo de sua obra, Lacan afirma que o prazer constitui uma barreira ao gozo. Em uma dessas vezes, na conferência intitulada "Psicanálise e Medicina", Lacan (1966) retoma a concepção freudiana do princípio de prazer a fim de explicitar como o prazer é capaz de servir como um limitador do gozo. Conforme o psicanalista, o prazer diz respeito à menor excitação, àquilo que faz desaparecer a tensão e, portanto, é o que nos detém necessariamente em um ponto de afastamento, de distância muito respeitosa do gozo, "pois o que eu chamo gozo no sentido em que o corpo se experimenta, é sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto, inclusive da fãanha" (Lacan, 1966, p. 95). O prazer, portanto, se situa no nível da homeostase, da ausência de estímulos, ao passo que o gozo se situa no nível do tensionamento.

Conforme Lacan, o gozo está vedado a quem fala uma vez que ele só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da Lei, já que a lei se funda justamente nessa proibição. Contudo, não é a Lei em si que barra o acesso do sujeito ao gozo, ela apenas faz de uma barreira quase natural um sujeito barrado. "Pois é o prazer que introduz no gozo seus limites, o prazer como ligação da vida, incoerente, até que uma outra proibição, esta incontestável, se eleve da regulação descoberta por Freud como processo primário e pertinente lei do prazer" (Lacan, 1960/1998, p. 836).

Para o psicanalista, a simples indicação do gozo em sua infinitude já comporta a marca de sua proibição. A constituição dessa marca, por sua vez, implica um sacrifício, qual seja, aquele "que cabe num único e mesmo ato, com a escolha de seu símbolo, o falo" (Lacan, 1960/1998, p. 836). O que constitui a marca da interdição sobre o gozo infinito é o complexo de castração. Com a castração, então, não ocorre somente a proibição de um gozo infinito, este gozo recebe uma marca.

"Indubitavelmente, se falamos de marca, estamos no nível do significante, do significante da falta no Outro, $S(A)$ " (Eidelsztein, 2007, p. 207).

O significante da falta no Outro, $S(A)$, é distinto de todos os outros significantes; não há nenhum elemento significativo que possa ser considerado seu equivalente, uma vez que não há nenhum significante que ocupe este lugar. Com $S(A)$ se postula: "a) que há uma falta no Outro, ou seja, que o Outro não é um todo completo, b) que essa falta se inscreve mediante um significante; a falta no Outro é de um significante e se inscreve mediante um significante e c) o significante $S(A)$ não é um significante como qualquer outro" (Eidelsztein, 2008, p. 64). $S(A)$ é distinto de todo significante do Outro e, como tal, ele mesmo não tampona a falta que inscreve.

O significante da falta no Outro é o responsável pela inscrição da falta presente na estrutura significativa, falta ineliminável. Ao inscrever essa falta, o $S(A)$ realiza uma operação sobre ela, sem gerar a ilusão de anulá-la, e permite operar com ela. A incompletude é uma propriedade de toda estrutura significativa, mas o que a faz operar é o $S(A)$. Somente porque há falta no âmbito da estrutura significativa é que a função paterna pode vir a se inscrever. "Se há lei é porque há uma incompletude logicamente prévia, ou seja, a lei não a introduz. A lei é possível para o sujeito falante porque há uma incompletude na estrutura. A lei aporta sua função em um mundo caracterizado por ser não completo" (Eidelsztein, 2008, p. 66). Nesse contexto, a metáfora paterna tem por função inscrever a castração como estrutural e ao nível do tempo como "desde sempre".

Por sua relação com $S(A)$, todo significante inscreverá a falta no Outro. Se a lei opera, todo significante remete o sujeito à falta no Outro. Devido à sua relação com $S(A)$, cada significante leva em si mesmo uma referência à falta, e, assim, representa o sujeito. Dessa forma, o significante de uma falta no Outro marca a interdição do gozo infinito. Como nos lembra Lacan (1958/1998, p. 699), o homem não pode visar a ser inteiro "visto que o jogo de deslocamento e condensação a que está fadado no exercício de suas funções marca sua relação de sujeito com o significante". Para o psicanalista, o falo é o significante privilegiado dessa marca, "onde o logos se conjuga com o advento do desejo". O falo é o indicador da proibição do gozo como absoluto, é ele que decreta sua radical inacessibilidade e seu desvio pelos objetos do desejo, além de construir, assim, a falta que será imaginada como castração (Couso, 2005). O falo, portanto, como significante, dá a razão do desejo.

O fato de o falo ser um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tenha acesso a ele. "Mas, como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela *Spaltung* significativa" (Lacan, 1958/1998, p. 700).

As emergências que surgem na gênese psicológica confirmam a função significativa do falo. Mas é somente na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo que se ordena seu desenvolvimento. Para Lacan, a demanda de amor só pode padecer de um desejo cujo significante, o falo, lhe é estranho.

Dado que o desejo da mãe é o falo, a criança almeja ser o falo para satisfazer a esse desejo. Sendo assim, a divisão inerente ao desejo já é sentida por ser experimentada no desejo do Outro, “por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar ao Outro o que ele pode *ter* de real que corresponda a esse falo, pois o que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse” (Lacan, 1958/1998, p. 700-701, grifo do autor). Essa experiência do desejo do Outro é decisiva para o sujeito, pois nela ele apreende que, para além da questão de ele mesmo ter ou não um falo real, a mãe não o tem. É nesse momento preciso da experiência que o complexo de castração tem seus efeitos. Conforme Lacan, é aí que verificamos a conjunção do desejo, uma vez que o significante fálico é a sua marca, com a ameaça ou a nostalgia do falta-a-ter.

O confronto com o Outro abre a via para que sua vontade, e não sua demanda, seja experimentada. Por conseguinte, abre-se a via para o sujeito de se realizar como objeto ou de satisfazer a vontade de castração inscrita no Outro, o que leva “ao supremo narcisismo da Causa perdida. A castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo” (Lacan, 1960/1998, p. 841). A Lei e o desejo inscrevem a fronteira entre um gozo perdido e um futuro a alcançar. Conforme Couso (2005), isso nos permite supor que há um gozo “anterior” e outro “posterior” ao significante. O primeiro refere-se a um gozo mítico ao passo que o segundo diz respeito a um gozo limitado. Para alcançar o gozo é preciso, antes, rechaçá-lo. A palavra, então, extrai o gozo do corpo, cria o mito de um paraíso perdido e dá corpo a um novo gozo, o que ela deixará passar regularmente, a fim de gozar o menos possível.

Nesse sentido, sempre que o gozo se articula ao desejo, o falo lhe dá corpo mediante a parte sacrificada, ao passo que quando o gozo não se articula ao desejo, o que lhe dá corpo é a zona erógena – condições que têm estruturas totalmente distintas. Quando o desejo intervém e o gozo se articula à parte sacrificada, o desejo se converte em defesa frente ao gozo. Sendo assim, o desejo tanto pode operar como defesa frente ao gozo como o gozo pode operar como defesa frente ao desejo. Ainda que ambas as defesas sejam de índoles diferentes, cada uma delas oculta um ponto de castração. “O gozo, mediante seu objeto, pode ser defesa a respeito do objeto causa do desejo, assim como manobrando com a falta que implica o desejo pode ocultar-se a interdição ao gozo infinito” (Eidelsztein, 2007, p. 209).

No interior dessa dinâmica, o desejo é, de algum modo, o ponto de compromisso, a escala de dimensão do gozo, na medida em que permite levar mais longe o nível da barreira do prazer. Este, como expõe Lacan (1966), é um ponto fantasmático, ou seja, no qual intervém o registro imaginário, que faz com que o desejo permaneça suspenso a algo cuja natureza não exige, verdadeiramente, a realização.

A realização plena do desejo implica o encontro com o objeto da primeira experiência de satisfação. Contudo, como sabemos, a satisfação absoluta, ou o gozo infinito, é inalcançável por estrutura. A partir do momento em que se efetua a castração simbólica, não resta ao sujeito outra

saída a não ser lançar-se à busca e se contentar com o encontro de objetos substitutos a esse primeiro objeto que está, para sempre, perdido. Consequentemente, não resta ao sujeito outra opção a não ser o encontro com uma satisfação apenas parcialmente semelhante à primeira, obtida através desses objetos. É justamente essa busca por um objeto que nunca é encontrado que mantém a vida subjetiva do sujeito. A tese freudiana defende que a realização da satisfação pulsional exige a interdição do gozo supremo, ou seja, a inacessibilidade a *das Ding* e ao corpo da mãe. "É nesse ponto preciso que se localiza o paradoxo; [...] se, de um lado, o êxito da satisfação implica a interdição, de outro, ela não se faz sem a presença do gozo. Isso quer dizer que para haver satisfação a própria satisfação deve ser detida" (Santiago, 2001a, p. 108). O fracasso do programa do princípio do prazer implica, então, a manutenção de um *intervalo* com relação ao gozo do Outro.

O gozo do toxicômano

O que produz, essencialmente, os laços sociais é a referência ao sentido do discurso social, ou seja, é a base da organização simbólica de uma sociedade. É essa referência que irá organizar os quadros e as leis sociais, nas quais o sujeito irá pôr em ato a sua relação com o gozo, de modo que o discurso social determina os possíveis da realização fantasmática (Lesourd, 2004).

Ao abordar a questão das toxicomanias e da violência, Lesourd (2004) afirma que as toxicomanias relatadas por Freud e que ele mesmo pôde verificar em sua prática clínica há alguns anos situavam-se no nível de um gozo fálico – limitado, interditado – ao passo que as toxicomanias de hoje, loucuras atuais, como ele as denomina, produzem um efeito de abandono subjetivo que remete a outra forma de gozo. Lesourd não chega a dar grandes desenvolvimentos a essa concepção, apenas diz que o que é visado pelo toxicômano é a morte, a morte biológica como tentativa de saída, tentativa de nascimento através da construção de um limite entre o sujeito e seu semelhante. Para o autor, essa forma de gozo das toxicomanias estaria relacionada ao confronto com o supereu arcaico, o supereu do gozo², e não mais com o supereu interditor freudiano. Na opinião de Lesourd, essa mudança tem ligação com o fato de a medicina ser a referência social atual.

Parece haver um consenso entre grande parte dos autores que se dedicam ao estudo das drogadições de que as toxicomanias atuais possuem íntima relação com a emergência do discurso da ciência (Santiago, 2001a, 2001b; Lesourd, 2004; Alberti, Inem & Rangel, 2003). Segundo Santiago (2001a, 2001b), o discurso da ciência foi responsável pela produção de um esvaziamento de sentido no que concerne às drogas, transformando-as em meras fórmulas químicas. A partir dessa modificação, os sujeitos puderam passar a recorrer às drogas, então transmudadas em produto esvaziado de sentido, como uma forma de suspender a sua divisão subjetiva. Para Santiago, a toxicomania refere-se a uma espécie de tratamento médico, baseado no discurso da ciência (do que este oferta), do mal-estar do desejo. Ao recorrer à droga, o toxicômano engendra uma forma de satisfação autística e solitária que visa à recuperação do mais-de-gozar perdido originariamente, e

reflete uma posição subjetiva de autossuficiência extrema. Por meio da automedicação, o sujeito consegue reduzir os efeitos do Outro significativo e tenta recuperar o gozo sem passar pelo Outro.

Nesse aspecto, tanto Santiago quanto Melman (2000) veem nas toxicomanias uma tentativa de ruptura com o gozo fálico sem que haja, entretanto, a forclusão do Nome-do-Pai. Essa tentativa, de acordo com Santiago, foi vista por Jacques-Alain Miller como demonstrativa da *insubmissão* do toxicômano à castração e reflete as dificuldades deste em lidar com os efeitos do gozo fálico. De acordo com o psicanalista, “na tentativa de se inscrever como sujeito diante do Outro, a droga emerge como artefato reparador da ruptura almejada no plano do gozo fálico” (Santiago, 2001a, p. 183). A droga age, portanto, como uma prótese psíquica que exerce uma função preventiva contra as incidências do Outro.

Ao tentar barrar as incidências do Outro e de sua demanda, o toxicômano acaba engendrando um tipo de satisfação, obtida através da droga, nociva e tóxica. Por essa via, a substância química acaba tornando-se, para o drogadicto, uma parceira essencial e exclusiva. Conforme Melman (2000), em função dessa peculiaridade, o toxicômano encontra-se em uma dependência vital em relação a um objeto cujo consumo é crescente e representa o ideal visado pela sociedade industrial. Melman (2000, 2003) também indica que as drogadições apresentam estreita relação com o modo como a sociedade tem se organizado nos últimos tempos. Porém, o aspecto mais enfatizado pelo psicanalista no que diz respeito a essa questão é a aproximação entre as toxicomanias e a forma como a sociedade capitalista se organiza.

Diante do gozo universalizado da civilização, a droga não faz o sujeito gozar, mas procura barrar a dimensão nociva do gozo (Santiago, 2001a). Dessa forma, a toxicomania funciona como uma defesa, como uma tentativa de subtração ao gozo do Outro (Le Poulichet, 1996, 2005; Alberti, Inem & Rangel, 2003). Segundo Petit (1989), toda toxicomania é uma recusa de gozo. Entre a toxicomania e o desejo do Outro, que o angustia, o toxicômano interpõe seu corpo anestesiado. O drogadicto interpõe seu corpo justamente no lugar onde, normalmente, deveria se fazer ouvir a voz do pai, “esta voz que diz entre... entre os corpos” (Petit, 1989, p. 58).

O toxicômano, ao recorrer a um entorpecente, visa à satisfação e não ao gozo (Santiago, 2001a), de forma que desfruta de um gozo que lhe é próprio no momento em que se encontra privado da droga (Conte 2001; Melman, 2000). Como afirma Lacan (1966), o gozo se refere a uma experimentação do corpo e, nesse sentido, diz respeito à ordem de um tensionamento e de um forçamento. Sendo assim, a concepção de um gozo na privação da droga traz contribuições ao entendimento do gozo presente nas toxicomanias. Vejamos o que nos diz Burroughs (2009, p. 44) a esse respeito: “Assim que o nível da *junk* cai abaixo do limiar, contudo, o corpo é inundado pelo fluxo da abstinência.

No decorrer da abstinência, o dependente adquire uma consciência profunda de tudo que o rodeia. Impressões sensoriais são aguçadas ao ponto de confundirem-

se com alucinações. Objetos familiares parecem dotados de vida estranha e furtiva. O dependente está sujeito a um bombardeio de sensações, tanto externas quanto viscerais. Pode experimentar clarões de beleza e nostalgia, mas a impressão geral é terrivelmente dolorosa. (Talvez as sensações sejam dolorosas por conta de sua intensidade. Uma sensação agradável pode tornar-se intolerável depois que atinge certa intensidade). (...) Tudo parece dotado de vida. Ideações paranoides são frequentes. (...). Tudo parece ameaçador. (Burroughs, 2009, p. 262)

Ninguém é capaz de ignorar a abstinência de heroína. O fato é que a dependência torna obrigatório o contato com o mundo exterior (Burroughs, 2009, p. 43).

De acordo com Lacan (1966), há gozo, incontestavelmente, no nível onde começa a aparecer a dor. Somente nesse nível de dor é que se pode experimentar toda uma dimensão do organismo que de outro modo permaneceria velada.

O uso do ópio e de seus derivados conduz a um estado que define limites e descreve o sentido de 'vício' (...). O viciado precisa de morfina para manter um metabolismo dependente da morfina, e assim evitar as dores indescritíveis de um retorno ao metabolismo normal. (Burroughs, 2009, p. 259)

Eu senti uma coisa estranha, física mesmo [em abstinência]. Um aperto aqui no peito [leva a mão ao peito]. (Fala de paciente no *Grupo de Preparação para o Final de Semana*)

Diante da discussão acerca de qual é o gozo engendrado pelas toxicomanias, surge a questão de quem, afinal, goza no ato toxicomaniaco. O sujeito ou o Outro? Mais uma vez, recorremos a Lacan. No *Seminário, livro 20*, o psicanalista afirma que gozar tem a propriedade de ser, em suma, o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro.

Mas esta parte também goza – aquilo agrada ao Outro mais, ou menos, mas é fato que ele não pode ficar indiferente. Acontece mesmo que se produza algo que ultrapassa o que acabo de escrever, e que é marcado com toda ambigüidade significativa, pois, *gozar do corpo* comporta um genitivo que tem essa nota sadiana [...] que diz que em suma é o Outro que goza. (LACAN, 1972-1973/2008, p. 30, grifo do autor)

Para Lacan, o único gozo possível é aquele se dá no campo do significante, ou seja, no campo do Outro. Dessa forma, quando falamos em perturbações do gozo no corpo falamos nas perturbações que surgem quando o sujeito pensa que o Outro goza no ou do seu corpo. Por outro lado, se o gozar do corpo ou o gozo do corpo for interpretado como genitivo subjetivo, o “do” indica que é o corpo que goza, isto é, o corpo é o sujeito gramatical que realiza a ação do verbo gozar. É preciso que tenhamos isso em mente ao abordar a questão do gozo presente nas drogadições. Na medida em que as toxicomanias representam uma tentativa de subtração ao gozo do Outro (Alberti, Inem & Rangel, 2003; Le Poulichet, 1996, 2005; Petit, 1989; Santiago, 2001a) elas acabam por engendrar um gozo autístico, solitário, que tenta prescindir do Outro (Santiago, 2001a, 2001b; Melman, 2000).

Nesse sentido, o toxicômano pode ser visto como aquele que encontrou uma solução não-fálica a fim de lidar com e de barrar os efeitos das imposições do gozo da civilização, qual seja, o gozo fálico. Por meio da droga, o toxicômano materializa a vontade de infidelidade ao casamento obrigatório, para todos os sujeitos, com o falo. O protesto lançado contra esse laço matrimonial demonstra a dificuldade do toxicômano em fazer prevalecer, para si, a dialética do desejo (Santiago, 2001a). Todo sujeito inscrito na função fálica é portador de uma perda primordial de gozo, perda que o drogadicto busca restituir através do recurso a uma substância química.

O prazer do toxicômano

O homem, segundo Freud (1930/1987), busca ser feliz e assim permanecer. Para tanto, busca obter intensos sentimentos de prazer e visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer. Tal propósito, contudo, é barrado nas fontes de sofrimento e de desprazer decorrentes do ato de viver. Para o médico vienense, a vida como se apresenta é árdua demais e, a fim de suportá-la, precisamos recorrer às chamadas “medidas paliativas”. Uma dessas medidas diz respeito às substâncias tóxicas, que são capazes de nos tornar insensíveis a todo sofrimento. De acordo com Freud, o uso de entorpecentes constitui o meio mais interessante de evitar o sofrimento, pois influencia o nosso próprio organismo.

O sofrimento, diz o psicanalista, nada mais é do que sensação. Como tal, o sofrimento só existe na medida em que o sentimos e o sentimos de acordo com o modo como o nosso organismo está regulado. Sendo assim, um dos métodos mais eficazes de influenciar o organismo é o químico, a intoxicação, uma vez que esta nos torna incapazes de receber impulsos desagradáveis, além de provocar sensações prazerosas.

É justamente essa propriedade das substâncias intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de gerar danos. Para Freud, o uso de entorpecentes é responsável, em determinadas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano. Ao recorrer a esses meios, o indivíduo tende a ser

autossuficiente, deixando de investir no estabelecimento de laços com seus semelhantes e de empregar seus esforços para modificar o mundo.

O toxicômano, com sua droga, consegue aproximar-se, solitariamente, de uma espécie de homeostase, tal como nos demonstra Burroughs:

Um *junky* não quer estar quentinho, quer ficar frio – bem frio – GELADO. Mas seu desejo pelo Frio é como seu desejo pela *Junk* – não o quer DO LADO DE FORA, onde não lhe adianta para nada, mas DO LADO DE DENTRO, para que ele possa ficar sentado com uma coluna vertebral que mais parece um macaco hidráulico congelado... seu metabolismo chegando perto do ZERO Absoluto. [...]. Assim é a vida na Velha Casa de Gelo. Por que ficar andando por aí, perdendo TEMPO? (Burroughs, 2009, p. 254, grifos do autor)

Como a *junk* é um analgésico, anestesia também a dor e o prazer implícitos na consciência. Enquanto a memória factual de um dependente pode ser realmente precisa e vasta, sua memória emocional tende a ser limitada e, no caso da dependência grave, aproxima-se do zero afetivo. (Burroughs, 2009, p. 257)

Segundo Nogueira Filho (1999, p. 34) “o efeito das drogas provoca a ilusão de que o prazer não requer a passagem pelos significantes e, dessa forma, pode ser perene e constante”. A tentativa engendrada pelas toxicomanias diz respeito à busca por um distanciamento entre o corpo e a palavra, coalizão que é fundamental para a constituição e a manutenção do sujeito desejante. Para o autor, o drogadicto visa a uma satisfação por caminhos mais fáceis, des-significantizados. Nesse sentido, o toxicômano opera uma espécie de curto-circuito no gozo fálico e em sua relação com o Outro (Santiago, 2001a).

Não é sem razão que a recorrência às substâncias tóxicas parece acarretar uma perda gradativa dos sentidos. Sob o efeito de drogas, anestesiado, o adicto revela não sentir vontade de nada. Tudo acontece como se até mesmo as necessidades fisiológicas deixassem de existir. “Eu não consigo comer nada! Não me desce, tranca aqui [leva a mãe à garganta], não consigo! Não consigo!” (Fala de paciente no *Grupo de Medicação*). “Eu não como nada! Nem água eu bebo! Nem banho tomo!” (Fala de paciente no *Grupo de Medicação*).

Para o toxicômano, portanto, o princípio de prazer é assegurado por sua droga, na medida em que a droga é suscetível de baixar as tensões psíquicas até um ponto ideal buscado (Melman, 2000).

Do prazer com a droga ao prazer com a vida

No *Seminário, livro 11*, Lacan (1964/2008, p. 201) acentua o fato de o sujeito encontrar-se em uma dependência significativa ao lugar do Outro e nos mostra que a relação do sujeito ao Outro se engendra, por inteiro, em um processo de hiância. Duas faltas aí se recobrem: uma diz respeito ao “defeito central em torno do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro – pelo fato de que o sujeito depende do significativo e de que o significativo está primeiro no campo do Outro”. Esta falta retoma a outra, falta real, anterior, situada no advento do vivo, isto é, na reprodução sexuada. “A falta real é o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Esta falta é real, porque ela se reporta a algo de real que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual”.

Nesse seminário, Lacan opõe o campo do sujeito ao campo do Outro. O Outro é o lugar no qual se situa a cadeia do significativo que comanda tudo o que poderá presentificar-se do sujeito, é o campo do vivo em que o sujeito tem que aparecer. O significativo, ao produzir-se no campo do Outro, faz surgir o sujeito de sua significação. Contudo, ele só funciona como significativo ao reduzir o sujeito a não ser mais que um significativo, “petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito” (Lacan, 1964/2008, p. 203). Desde que o sujeito é identificado a um significativo, ele desaparece no inconsciente; ele aliena-se nessa divisão na qual é colocada em jogo sua perda e em que ele aparece de um lado para apagar-se do outro (Salvain, 1996). Esse processo, que consiste na primeira operação essencial em que se funda o sujeito, foi denominado por Lacan de *alienação*. Para o psicanalista, a alienação consiste no “vel” que condena o sujeito a aparecer somente nessa divisão na qual ele está condenado a vir a aparecer de um lado como sentido, produzido pelo significativo, ao passo que do outro ele aparece como “afânise” (desaparição).

Lacan situa, ainda, uma segunda operação fundamental à qual o sujeito é conduzido por essa dialética com o Outro, qual seja, a *separação*. Na intimação feita pelo Outro, a partir de seu discurso, o sujeito encontra uma falta no Outro. “Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?*” (Lacan, 1964/2008, p. 209, grifo do autor). Será nesses intervalos, nas faltas do discurso do Outro, que fazem parte da estrutura mesma do significativo, que a criança apreenderá o desejo do Outro, naquilo em que ele lhe aparece como enigma. Para responder a esse enigma, o sujeito traz a resposta da falta precedente de seu próprio desaparecimento, que ele vem aí situar no ponto da falta percebida no Outro. “O primeiro objeto que ele propõe a esse desejo parental cujo objeto é desconhecido, é sua própria perda – *Pode ele me perder?* A fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa dialética, e ele o põe, com efeito” (Lacan, 1964/2008, p. 210, grifo do autor).

Nesse contexto, uma falta recobre a outra. Daí decorre a dialética dos objetos do desejo, naquilo que ela faz a junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro. Essa dialética passa, entretanto, pelo fato de que aí o desejo não é respondido diretamente. Uma falta engendrada pelo

tempo precedente serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte. “Aquilo pelo que o sujeito encontra a via de retorno do *ve/* da alienação” (Lacan, 1964/2008, p. 213) é a operação da separação. Pela separação o sujeito encontra o ponto fraco do casal primitivo da articulação significativa, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar. É no que seu desejo está para além ou para alguém no que esse Outro diz, do que ele intima, do que ele faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito.

Nessa passagem pelo campo do Outro, o significante separa o sujeito do gozo e possibilita um modo de gozar (mais limitado) que recupera, apenas em parte, algo do que foi perdido. Como nos lembra Couso (2005, p. 211), ao passar pelo Outro a aspiração de gozo acaba sendo pervertida, transmutada, estrangulada pela peneira “do que se deve pedir”. O Outro força essa aspiração a converter-se em demanda, em discurso e em vínculo social, embora tal conversão resulte sempre falida. Definitivamente, o gozo é marcado por limites, por renúncias e por impedimentos, entranhado em um mercado de transações, mediatizado pelo intercâmbio de demandas entre o sujeito e o Outro. Além disso, o gozo está condenado à insatisfação, pobremente contradita apenas pelas satisfações substitutivas, “cujo gosto não deixa esquecer jamais o amargo sabor da perda”.

A palavra descarrila o gozo pelas vias simbólicas, em palavras e em objetos que dele se recortam. Esses objetos tanto permitem alcançar uma satisfação libidinal quanto simbolizam a perda originária. A perda de gozo que marca o corpo é recompensada, somente em parte, com um consolo que está fora do corpo, nesses objetos. O que subsiste como gozo é o gozo fálico e a satisfação pulsional, onde se juntam a marca significativa, o que resta do gozo perdido e uma mudança de localização – do localizado no corpo ao localizado fora do mesmo. Entretanto, o intento de recuperar o perdido persiste. Desde que há significante, o gozo não é mais “completo”, mas se cria a nostalgia por um gozo que o foi. Dessa forma, o significante articula perda e nostalgia (por um gozo que, na verdade, não se teve). Tanto a perda quanto a nostalgia caracterizam-se como condições para que o sujeito possa motorizar-se na busca por alguma satisfação, só por elas haverá busca e relação com o objeto libidinal.

Em síntese, a estrutura mesma do simbólico no vivente implica: a) uma perda essencial e b) o intento de recuperar o perdido. “A primeira, infligida ao vivente pelo símbolo, ainda que implique um reencontro com ‘o mesmo’, é impossível e gera a nostalgia a qual se articula a repetição significativa (como busca e tensão até tal – condenado ao fracasso – reencontro)” (Couso, 2005, p. 214). Essas marcas simbólicas, estruturais, são essenciais, pois exercem uma importância decisiva na constituição de uma falta; são as vias que a repetição segue na busca por um reencontro e determinam o impossível desse reencontro. Nesse processo vemos o gozo articular-se ao desejo, mediante a sua corporificação através do falo.

Como vimos acima, no que foi exposto por Eidelsztein (2007), em sua leitura da obra lacaniana, sempre que o gozo se articula ao desejo, o falo lhe dá corpo mediante a parte sacrificada (gozo fálico). Quando isso não ocorre, ou seja, quando o gozo *não* se articula ao desejo, o que lhe dá corpo é a zona erógena (seu objeto). O *gozo mediante seu objeto* pode ser uma defesa em relação ao objeto causa do desejo. O gozo como defesa frente ao desejo, parece-nos, diz respeito ao que está em causa nas toxicomanias. Nestas, o que verificamos é uma espécie de colagem a um único objeto que seria capaz de garantir a satisfação do toxicômano: a droga.

Todo mundo já amou alguém que não te amava. É a mesma coisa. A primeira vez que me internei, eu não podia nem ouvir "Tu não pode mais usar a droga"! Dava uma dor aqui no peito [leva a mão ao peito] (Fala de paciente no *Grupo de Preparação para o Final de Semana*).

Embora, muitas vezes, os toxicômanos refiram-se à droga como um objeto de amor, comparando-a a um *partenaire*, não existe nas toxicomanias um investimento amoroso, propriamente dito, com relação ao tóxico. Como nos lembra Lacan (1960-1961/1992), o amor surge como um efeito de significação da inadequação entre o sujeito do desejo e o objeto. O amor surge, portanto, como uma resposta possível engendrada a partir da não conjunção entre o desejo e o objeto. Ao enunciar que amar é dar o que não se tem, Lacan evidencia que o amor apresenta-se como uma significação para esse lugar vazio. Amar pressupõe que o sujeito reconheça-se como não completo, como faltoso, ou, ainda, que ele renuncie à posição de ser objeto e passe à posição de sujeito dividido e desejante. Nessa passagem, o amor manifesta-se como significação do nada, como uma resposta do sujeito ao seu ser nada. A significação do amor produz-se, então, pela substituição da função do objeto amado pela função do amante. Se o toxicômano busca as substâncias psicoativas com a finalidade de se entorpecer, evitando, assim, deparar-se com sua incompletude, o que está em jogo entre ele e sua droga, com efeito, não diz respeito a uma relação de amor.

Ao contrário do objeto amoroso, e de qualquer outro objeto, que se apresenta ao sujeito como interditado, a droga é sustentada nas toxicomanias como um objeto não interditado. Nesse sentido, a saída da posição toxicômana implica a recusa desse objeto, o que evidencia que o essencial do tratamento das toxicomanias é o trabalho de conclusão sobre o luto (Conte, 2003b), tal como podemos ver no seguinte texto de um usuário do CAPS-ad:

O luto

Hoje, e acredito ontem e antes de ontem vivo, e tenho vivido o luto ou o seu luto.

De luto pela morte da minha velha "amiga e companheira", a droga.

Luto este que é uma mescla de prazer nunca antes experimentado e ao mesmo tempo dor e saudade pela sua ausência da minha existência.

Sei lá! Talvez seja pelos muitos anos de convivência, e a forte vontade de não desejá-la mais, me surpreendo ao me inteirar de que ela não era tão importante assim para mim, e que sua ausência apesar de doída, é menos nociva do que sua existência parceira.

Tenho medo! Medo este por saber que tenho o poder de ressuscitá-la, a qualquer momento e isto me deixa tenso, ansioso e deprimido pois, quero e desejo que esse desenlace seja pra sempre, mas meu corpo ainda lembra do seu toque consolador e meu coração ainda dispara ao lembrar-me dela.

Adeus querida amiga!

(Texto produzido por paciente no *Atelier de Escrita*).

Freud (1917/1996) afirma que o trabalho de luto consiste na retirada da libido que antes fora investida em um objeto que deixou de existir. Segundo o psicanalista, é inútil e até mesmo prejudicial interferir nesse processo. Quando o trabalho de luto é concluído o ego fica livre e desinibido novamente, sendo capaz de investir em outros objetos.

Nas drogadições, quando o tóxico é deslocado da posição de objeto ideal na relação com o sujeito, resta um "buraco". Sendo assim, o tratamento das toxicomanias consiste em fazer vir para o lugar do buraco escavado no real, o conjunto do sistema significante. O momento de concluir, em um tratamento, ocorrerá somente quando a lei simbólica se tornar efetiva, não só no aspecto da interdição dos objetos (entre eles, a droga), mas também no acesso ao reconhecimento do desejo (Conte, 2003b).

O afastamento da única via de obtenção de prazer, por meio da droga, proporciona o aparecimento de novas possibilidades de o toxicômano viver a vida. "A vida tem prazeres maiores e melhores que a droga. A droga dá um prazer, mas é um prazer que dura tão pouco! Hoje eu consigo ver coisas que antes eu não via. Eu escolhi a vida sem droga!" (Fala de paciente no *Grupo de Preparação para o Final de Semana*). "Na semana passada foi meu aniversário e eu só queria que as pessoas que eu gosto me ligassem e me dessem parabéns! Eu nem me importava com presente. Eu só queria que lembrassem de mim. Nos aniversários anteriores [quando ainda usava drogas] o que mais importava eram os presentes" (Fala de paciente no *Grupo de Preparação para o Final de Semana*). "Eu vi o movimento [enquanto caminhava pela rua], o movimento das pessoas na rua e o prazer que eu senti foi quase tão bom quanto o prazer da droga" (Fala de paciente no *Grupo de Preparação para o Final de Semana*).

Somente é possível pensar na droga como objeto interditado quando o sujeito conseguir minimamente confrontar-se, colocar-se em relação "ao objeto irremediavelmente perdido, à falta e ao desejo" (Conte, 2001), deixando de almejar a uma satisfação irrestrita, a um prazer absoluto e aceitando usufruir de um prazer limitado. Nessa nova vida, sem estar sob o efeito da droga, os

sentidos começam a ser recuperados. "Até o gosto do alimento a gente sente [sem estar drogado]. O organismo muda" (Fala de paciente no *Grupo de Preparação para o Final de Semana*).

E o sujeito começa a sentir-se capaz de se aventurar por novas caminhadas e novos caminhos.

Caminhada

A partida a qualquer momento por um caminho desconhecido.

Este caminho, sabe-se lá onde vai dar, por desconhecer-lo nem tão pouco sei se no seu fim vou chegar.

Somente vejo o seu começo, nem imagino o que em seu percurso vou encontrar, pois passo a passo irei seguir em silêncio contemplando apenas o que possa a cada segundo enxergar.

Este caminho apenas para mim, é o começo do fim.

Este fim que no passado pelo sonho profundo que procurava no prazer, somente espinhos encontrei, sem saber!

Hoje apenas hoje na sobriedade, sigo por este caminho incerto com a esperança que no fim desta caminhada eu possa me encontrar.

(Texto produzido por paciente no *Atelier de Escrita*).

Conte (2003a), ao retomar Freud, lembra-nos que após a elaboração de um luto o sujeito não volta a ser como antes, uma vez que esse processo implica um ato criativo e não apenas uma substituição. Nesse sentido, o objetivo do trabalho terapêutico com toxicômanos é o de servir de ponte "para que o paciente construa, modifique, transforme uma versão 'viciada' e cristalizada de sua vida, em direção a algo novo, para que a posição narrativa do sujeito se engaje em uma nova versão da história na qual está inserido" (Conte, 2003a, p. 107). O fato de se deparar com a interdição de um objeto ideal, que seria capaz de garantir um prazer absoluto, faz com que o sujeito seja forçado a se conformar com um prazer e com um gozo possíveis e a ter que inventar diferentes formas de lidar com sua humanidade.

Considerações Finais

Como vimos, há um consenso entre os estudiosos das toxicomanias que veem a drogadição como uma espécie de defesa do sujeito frente à demanda do Outro. Diante do que o Outro lhe demanda o sujeito encontra na toxicomania uma forma de curto-circuitar os efeitos desse apelo, agindo de forma a tentar barrar esses efeitos. Nessa tentativa, é possível verificarmos a dificuldade que o toxicômano encontra para lidar com os avatares da linguagem e da divisão imposta por ela. Consequentemente, há nas toxicomanias uma espécie de insubmissão à castração e ao gozo possível a partir dela, qual seja, o gozo fálico. Todas as elucubrações teóricas a respeito de uma mudança

operada nas toxicomanias, ao longo do tempo, a nosso ver, têm relação com essa insubmissão do indivíduo toxicômano à castração. A insubmissão à castração e ao gozo fálico pode ser vista como a responsável por retirar a drogadição do campo de um gozo fálico e a colocá-la no campo de uma tentativa não-fálica de lidar com os efeitos desse tipo de gozo no corpo.

Essa tentativa não-fálica refere-se à busca, através do recurso à droga, de uma satisfação que seja capaz de se assemelhar à primeira (e única) experiência desse nível. Por meio da droga, o toxicômano demonstra visar à garantia de um gozo que não requer a passagem pelo Outro; gozo que, como sabemos, é impossível, desde a nossa inserção no mundo linguageiro. A entrada na linguagem mata a coisa e possibilita, a partir de então, a vida simbólica, vida que só é conquistada através do significante fálico.

Tais considerações permitem-nos postular as toxicomanias como um novo invólucro formal do sintoma, posto que, como nos lembra Quinet (2000), esse invólucro pode variar segundo cada época, acompanhando os desenvolvimentos da ciência. Sendo assim, podemos verificar que o discurso da ciência, juntamente com o discurso do capitalista (mestre contemporâneo), com o qual estabelece estreita relação, constitui o cenário para a emergência das toxicomanias, tal como as vemos hoje.

Notas:

¹ Este artigo compreende a reformulação de um capítulo da dissertação de mestrado da primeira autora, intitulada *Toxicomanias e Psicanálise: Algumas Considerações*, defendida e aprovada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS em 29 de abril de 2011, sob orientação da segunda autora.

² No *Seminário, livro 18*, Lacan (1971/2009, p. 166, grifo do autor) afirma que a ordem do supereu, impossível de satisfazer, é a de que o sujeito goze. "Qual é a prescrição do supereu? [...] O que o supereu diz é: *Goza!*". No *Seminário, livro 20*, Lacan (1972-1973/2008, p. 14) diz que o que ele quis apontar com esse *Goza!* é que o superego é correlato da castração, "que é o signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude".

Referências Bibliográficas

- Alberti, S., Inem, C. L. & Rangel, F. C. (2003, set.). Fenômeno, estrutura, sintoma e clínica: a droga. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 6(3), 11-29. doi: 12-3456789123.
- Burroughs, W. S. (2009). *Almoço nu: versão definitiva*. Rio de Janeiro: Sinergia Ediuoro.
- Conte, M. (2001, dez.). O luto do objeto nas toxicomanias. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. (21), 91-107.

- Conte, M. (2003a). *A clínica psicanalítica com toxicômanos: o "corte & costura" no enquadre institucional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Conte, M. (2003b). Necessidade – demanda – desejo: os tempos lógicos na direção do tratamento nas toxicomanias. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (24), 41-59.
- Couso, O. M. (2005). *El amor, el deseo y el goce*. Buenos Aires: Lazos.
- Eidelsztein, A. (2007). *El grafo del deseo*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan: intervalo y holofrase, locura, psicosis, psicossomática y debilidad mental*. (Vol. I. 2ª ed.). Buenos Aires: Letra Viva.
- Freud, S. (1996). Luto e Melancolia. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1987). Mal-estar na civilização. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 73-148). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1930).
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *Escritos*. (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (s/d). Psicoanálisis y Medicina. *Intervenciones y Textos* (pp. 86-99). Argentina: Manantial (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Le Poulichet, S. (1996). Toxicomania: a invenção de uma autocronia. *O tempo na psicanálise* (pp. 105-120). Rio de Janeiro: Zahar.
- Le Poulichet, S. (2005). *Toxicomanías y psicoanálisis: las narcosis del deseo*. Buenos Aires – Madrid: Amorrortu.
- Lesourd, S. (2004). Patológicas adolescentes: questões para a educação. *A construção adolescente no laço social* (pp. 175-237). Petrópolis: Vozes.

- Melman, C. (2000). *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- Melman, C. (2003). *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC.
- Nogueira Filho, D. M. (1999). *Toxicomania*. São Paulo: Escuta.
- Petit, P. (1989). Toxicomania e função paterna. In Olievenstein et al. (Orgs.), *A clínica do toxicômano: a falta da falta* (pp. 52-59). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Salvain, P. (1996). Afânise. In Kaufmann, P. (Ed.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan* (p. 10). Rio de Janeiro: Zahar.
- Santiago, J. (2001a). *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santiago, J. (2001b). Lacan e a toxicomania: efeitos da ciência sobre o corpo. *Ágora*, 4(1), 23-32. Rio de Janeiro: UFRJ.

Citação/Citation: Canabarro, R. C. S & D'Agord, M. R. L. (nov. 2014 a abr. 2015). Prazer e gozo nas toxicomanias. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(19), 56-72. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p56-72

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 15/09/2015 / 09/15/2015.

Aceito/Accepted: 16/09/2015 / 09/16/2015.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.